

## O Caso de Keenan Cahill: A Performance em Vídeos do Youtube como Elemento de Viralização<sup>1</sup>

Ursula SCHILLING<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### RESUMO

Os vídeos musicais publicados por Keenan Cahill na web, desde 2010, têm milhões de acessos. Repetindo a mesma fórmula, a cada novo vídeo, sua performance é marcada pela aplicação da técnica de *lip sync*. Características como simplicidade, espontaneidade e humor podem ser alguns dos ingredientes dessa fórmula que tem dado certo há cerca de quatro anos. O artigo pretende discutir que elementos, do ponto de vista da performance, fazem com que esses vídeos sejam tão clicados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Youtube; *lip sync*; performance; viralização;

### INTRODUÇÃO

Parado em frente à sua webcam, Keenan Cahill, um garoto americano por volta dos 14 anos, começa a movimentar os lábios na tentativa de imitar a letra da música que toca em seu computador. E letra em questão é *Teenage dream*<sup>3</sup>. A cantoria vem acompanhada de uma porção de expressões faciais que, ao que parecem, têm a intenção de complementar o movimento labial e expressar a intensidade da música. Ao publicar seu vídeo no Youtube, prática que veio desenvolvendo na adolescência, como forma de se expressar, Keenan chama a atenção por sua performance: tímida, simples e, por que não dizer, um tanto tosca (esses adjetivos serão recuperados mais adiante). Em poucos dias, a releitura que o garoto faz de uma de suas músicas favoritas chega a milhões de acessos na internet. A partir daí, os vídeos seguintes também passariam a receber atenção.

O presente artigo, de cunho exploratório, parte da observação de um conjunto desses vídeos, num esforço de pesquisa que busca entender, mesmo que de forma preliminar, por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo e Especialista em Cultura Digital e Redes Sociais pela Unisinos, e-mail: [ursulaschilling@yahoo.com](mailto:ursulaschilling@yahoo.com)

<sup>3</sup> Música da cantora pop Katy Perry

que os vídeos de Keenan Cahill, mesmo após quatro anos do seu “surgimento” na rede, são tão clicados. Que elementos há aí (se há de fato), nessa performance, que a fazem ter um caráter viral?

Para clarear a questão, este estudo está ancorado no trabalho do pesquisador Fabrício Silveira (2013), que consta no artigo “Lotus Flower – diferença e repetição na performance midiática”, do seu livro Rupturas Instáveis: entrar e sair do pop. No artigo em questão, Silveira esmiúça, do ponto de vista da estética midiática, como ele busca conceituar, a questão da performance de Thom Yorke, vocalista da banda Radiohead, no clipe da música Lotus Flower, a fim de entender por que o clipe foi tão copiado, imitado, parodiado. A partir de uma análise cuidadosa desse produto, Silveira encontra características como simplicidade, precariedade e espontaneidade (apenas para citar alguns), elementos que se mostram decisivos para tornar Lotus Flower um vídeo com tantas “versões”. Numa lógica semelhante, mas não idêntica, este trabalho tentará traçar um paralelo entre os aspectos performáticos mais marcantes do videoclipe mencionado, e os dos vídeos de Keenan Cahill. O objetivo, no entanto, é outro. Se Silveira procurou entender o motivo de o vídeo original ter tantas paródias feitas a partir dele, aqui, o que se busca entender, por outro lado, é por que a performance do “*youtube sensation*”<sup>4</sup>, como foi classificado o americano, ela mesma uma forma de paródia ou *remake*<sup>5</sup> (CONTER, 2013), como veremos a seguir, alcançou tanta audiência, traduzida aqui em enorme número de *views*. Em outras palavras, o que se propõe é um diálogo entre este e aquele textos, a fim de encontrar possíveis pontos em comum.

Além de buscar pistas, que respondam a questão acima, este artigo, certamente, trará muitas perguntas, talvez até mais do que respostas, visto que o objeto deste estudo não se esgota aqui, mas rende, com toda a certeza, muitas outras abordagens conceituais que, mais além, poderão ser amplamente estudadas.

O texto se dividirá, basicamente, em três blocos: contextualização, quando será feita uma explanação sobre o perfil de Keenan Cahill, que, nas páginas a seguir, será chamado de KC. O resgate desse perfil visa a situar o leitor, a fim de que entenda um pouco da história

<sup>4</sup> Portal Globo.com: <http://oglobo.globo.com/cultura/keenan-cahill-jovem-americano-que-sofre-de-doenca-genetica-rara-se-torna-em-fenomeno-na-internet-2794865>

<sup>5</sup> Paródias, remixagens ou *remakes* no Youtube são formas encontradas pelos usuários de reciclagem e de ressignificação de vídeos.

desse personagem, uma vez que ela não pode ser dissociada de sua história midiática, por assim dizer. Na seqüência, parte-se para o exercício de análise/diálogo do texto de Silveira, a fim de garimpar as características há pouco mencionadas. Já nesta parte do trabalho, será traçado o paralelo de que se falou, caso ele exista de fato. Por fim, encontrados os elementos comuns na performance de ambos os casos (Thom Yorke e Keenan Cahill), três vídeos do canal oficial de KC serão analisados a partir das características levantadas previamente.

## QUEM É KEENAN CAHILL

Conhecido como “*youtube Sensation*”, Keenan Cahill<sup>6</sup> já alcançou quase 500 milhões<sup>7</sup> de *views*<sup>8</sup> que ele já alcançou para seus vídeos postados na internet. Desde 2010, a partir de um tweet da cantora Katy Perry, um jovem americano aparentemente comum tornou-se sensação na web e passou a ser considerado a grande nova “celebridade digital” nos Estados Unidos.

Antes de começarmos a reflexão a que este trabalho se propõe, cabe primeiramente entendermos: quem, afinal, é Keenan Cahill? Nascido em 1995, muito cedo manifestou sintomas de uma doença genética muito rara que afeta o funcionamento dos seus órgãos e, conseqüentemente, seu crescimento. A chamada MPS tipo 6<sup>9</sup>. Apesar da exaustiva rotina de consultas médicas e de constantes cirurgias corretivas, o jovem Keenan sempre levou, na medida do possível, uma vida de adolescente normal. Isso incluiu, e inclui ainda, por óbvio que pareça numa sociedade que vive em redes, o uso da internet e das diferentes mídias sociais. A despeito de suas limitações físicas e aparentes deformidades, talvez até mesmo por isso, foi na apropriação de dispositivos tecnológicos (computador e webcam) e de diferentes plataformas e mídias digitais como Youtube<sup>10</sup>, Facebook<sup>11</sup> e Twitter<sup>12</sup>, que o adolescente encontrou um hobby que o entretinha. Hobby esse que passou a entreter a

---

<sup>6</sup> Dados da sua história foram obtidos a partir de documentário exibido em 23/7/2012 no canal pago GNT, no programa GNT.doc. Há um trecho disponível em [http://gnt.globo.com/gntdoc/videos/\\_2048996.shtml](http://gnt.globo.com/gntdoc/videos/_2048996.shtml)

<sup>7</sup> <http://www.youtube.com/user/BeenerKeeKee19952/featured>

<sup>8</sup> *Views*: visualizações no Youtube

<sup>9</sup> MPS tipo 6 ou Síndrome Maroteaux-Lamy. Impede o organismo de digerir açúcares mais complexos, que se acumulam nos tecidos e nos órgãos. Em todo o mundo são conhecidos apenas cerca de mil casos da doença, que causa severa incapacidade e reduz a expectativa de vida.

<sup>10</sup> [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

<sup>11</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

<sup>12</sup> [www.twitter.com](http://www.twitter.com)

outros e se transformou no que pode ser uma meteórica e, por que não, duradoura carreira dentro e fora das redes. Junte-se a essa combinação de dispositivos-plataformas a música. Os usos que Keenan faz de sites como Youtube, podem ser entendidos como estando dentro da cultura do “faça você mesmo”, conforme aborda Amaral (2010) em artigo sobre práticas da *fansourcing*.

Keenan faz uma apropriação específica das músicas em seus vídeos. Ele usa a chamada técnica de *lip sync*<sup>13</sup>. Amaral (2010) traz, no mesmo artigo anteriormente mencionando, o termo como *lip dubbing*<sup>14</sup>, que pode ser entendido como um tributo e homenagem à determinado artista ou banda, em que o indivíduo canta em sobreposição à música original. Para que se entenda um pouco melhor: o que Keenan Cahill faz é interpretar canções de seus artistas favoritos, numa espécie de performance com playback, dançando, gesticulando e “cantando” as músicas apenas com o movimento dos lábios.

Há ainda um elemento que não pode ser ignorado, quando se fala no processo de transformação de Keenan em uma “*youtube celebrity*<sup>15</sup>” ou de celebrificação (LIESENBERG, 2011), alguém a quem foi conferido um status de evidência no espaço público e que rapidamente conquistou fama em seu meio. Foi com um vídeo caseiro em que “dublava” despretensiosamente, no seu quarto na cidade de Elmhurst-Illinois<sup>16</sup>, o hit “*Teenage dream*”, de Katy Perry, publicado no Youtube em 28 de fevereiro de 2010, que Keenan se projetou na “cena digital”. O vídeo, de pouco mais de três minutos, estourou na rede – após um *tweet mention*<sup>17</sup> em que a própria Katy Perry agradecia ao garoto pelo carinho manifesto através do vídeo, que chegou a ela ao acaso –, passando de 600 mil para três milhões de visualizações no período de uma semana. Até o momento, somente essa postagem tem mais de 56 milhões de acessos. Desde então, ele publica vídeos semanalmente na internet. Segundo um de seus produtores (hoje ele tem dois), não foi só a histórica comovente dos problemas de saúde que enfrenta, mas o carisma de Keenan que fizeram com que milhões de pessoas se identificassem com seus vídeos.

---

<sup>13</sup> Em Inglês significa sincronização dos lábios

<sup>14</sup> Equivalente a *lip sync*

<sup>15</sup> Celebridade do Youtube

<sup>16</sup> Nos Estados Unidos

<sup>17</sup> Menção a uma pessoa cadastrada no Twitter

Do ambiente privado do lar, o menino, hoje com 19 anos, tornou-se figura pública, atraindo a atenção de personalidades do mundo artístico. Desde que despontou como sensação da web, Keenan tem sido convidado por dezenas de famosos para parodiar seus sucessos, participar de clipes e comerciais. O pequeno prodígio, de 1,14 metros de estatura, diferente de muitos virais e manias passageiras da rede, tem-se mantido em pauta e com a agenda cheia. Com site próprio, seus próprios empresários e com uma reputação que vem-se construindo à medida que seus vídeos se disseminam, já cantou com 50 Cent, LMFAO, David Guetta, Katy Perry e muitos outros. Atualmente, Keenan Cahill (ou KC como passaremos a utilizar neste texto) tem seu próprio *single*<sup>18</sup>.

Mesmo depois da fama e de sua crescente e perene exposição na mídia, KC segue, regularmente, postando os vídeos que grava (ainda em seu quarto) dos seus hits preferidos. Vale lembrar, ainda que este não seja o foco do trabalho, que ele conheceu a fama, em grande parte, porque hoje são comuns os sites de redes sociais relacionados à música e também porque, por esses canais, como o Youtube, por exemplo, as produções ganham mais visibilidades pela facilidade de disseminação (AMARAL, 2010). No entanto, conforme já mencionado, fora os elementos que proporcionaram o seu sucesso inicial, deve haver outros ainda que justifiquem o grande número de visualizações dos seus vídeos ainda hoje.

## THOM YORKE X KEENAN CAHILL

À luz do que foi feito pelo pesquisador Fabrício Silveira (2011, p.94), o objetivo não é referendar o sucesso alcançado por KC no Youtube, traduzido por milhões de *views*, por exposição midiática e pelo começo de uma carreira meteórica. O sucesso de seus vídeos é, antes de tudo, a mola propulsora que estimula esse estudo. O objetivo é entender como, apesar de uma estética muito particular, alcançou tanta popularidade em uma mídia social tão disputada. Nas palavras de Silveira (2013, p.94), quais são os ingredientes combinados para o sucesso de KC, que habilidade é essa de se tornar representativo e emblemático,

---

<sup>18</sup> Wikipédia: na nomenclatura da indústria fonográfica, um *single* é uma canção considerada viável comercialmente o suficiente pelo artista e pela companhia para ser lançada individualmente, mas é comum que também apareça num álbum.

mesmo não sendo seus vídeos produções de vulto? Por que algo tão estranho e tão genérico vende tanto?

“O que nos motiva é a possibilidade de entender e descrever alguns aspectos dessa textualidade engenhosa [...] compreender as arestas de algo que, mais do que apenas um tecido sonoro, mais do que um mero produto fonográfico (ou audiovisual), mas que, radicalmente – ao seu modo, pelo menos –, institui-se também pela negação de concessões e saídas fáceis, pela incorporação um tanto enviesada, no mínimo inusual dos recursos técnicos, e pela aposta pesada na liberdade criativa e na experimentação estética.” (SILVEIRA, 2011, p.94)

De certa forma, é como se KC tivesse, a despeito das “imitações” que faz das performances com base nas músicas de outros, conseguido constituir uma marca autoral, um estilo próprio. Ao observar os seus vídeos, é fácil chegar à conclusão de que há um padrão nas atuações que ele faz em frente à tela.

Conforme explica Silveira (2013), quando analisa a performance do vocalista Thom Yorke no videoclipe “Lotus Flower,” da banda Radiohead, e traçando um paralelo, o que KC faz pode ser considerado econômico ou básico demais ou, até mesmo pobre quando falamos em produção ou exploração de recursos. Que elementos dessa proposta estética, que, apesar de “simples demais”, estimula as pessoas clicarem no play e fazerem seus vídeos viralizarem? É possível traçar paralelos entre as performances de KC, nos seus vídeos, que exploram, predominantemente, a técnica de *lip sync*, e Yorke em Lotus Flower?

Em Lotus Flower, a câmera fica direcionada, contribuindo para que o foco se concentre em Thom Yorke, o que aumenta a exposição do vocalista e a sensação de proximidade com ele. Da mesma forma, guardadas as proporções, quando grava suas performances em seu quarto, a webcam do computador de KC fica direcionada para ele, normalmente, único elemento vivo no cômodo. A própria performance de Thom Yorke, como constata Silveira (2011, p. 108), é um dos pontos que chama a atenção, uma vez que ele permanece sozinho e com a câmera nele fixado quase o tempo todo, enquanto o artista faz movimentos aparentemente aleatórios. Não preciso assistir a mais do que dois ou três vídeos, para perceber facilmente que KC também tem um tipo de performance curiosa, sob o olhar atento de sua webcam, com movimentos “estranhos” ou aleatórios. Silveira chama a atenção ainda, para o fato de que, durante o clipe, algumas vezes, os movimentos labiais de Yorke não parecem sequer estar sincronizados com a letra da canção. É interessante

observar que uma das marcas registradas dos vídeos de KC é justamente o fato de não haver sincronia – ainda que a técnica utilizada seja a da sincronia de lábios – entre o movimento dos seus lábios e a letra das músicas que ele “dubla”, o que confere um certo tom caricato à performance.

Tomado como uma “presença estranha”, Tom Yorke não é descrito, no trabalho de Silveira (2013) como um homem bonito, a considerar pelos padrões instituídos pela publicidade e pela indústria da moda: magro demais, pálpebras assimétricas, sobrancelhas irregulares, dentes desalinhados, cabelo bagunçado. Eis mais um ponto que, une as duas figuras. Apesar de muito simpático (parecer da autora), Keenan Cahill não é exatamente o que se pode chamar de bonito. Muito em decorrência de sua doença congênita, a MP6 tipo 6, um mal que, dentre outros transtornos, lhe causou baixo crescimento e algumas deformações no corpo, especialmente na mãos. Somem-se a essas características o cabelo armado e, muitas vezes, desarrumado, os dentes tortos, e os óculos “fundo de garrafa”. Um conjunto estranho de atributos que, paradoxalmente, parece funcionar quando o garoto encena seus hits preferidos na frente do computador.

Em função das características idiossincráticas acima listadas, aliadas a uma performance sem produção, sem freios, sem vaidade, cria-se uma espécie de proximidade entre quem assiste e aquele que é assistido, conforme descreve Silveira (2001, p. 110), “é assim que vemos muito de perto, de modo quase íntimo como se também estivéssemos ali, fisicamente presentes naquele galpão abandonado onde se passa a ação.”

Traçado esse primeiro paralelo, que nos permite, mesmo num olhar rápido, identificar semelhanças entre as performances de figuras tão distintas, parece possível passar para uma próxima fase, a da tentativa de encontrar o denominador comum entre os elementos estéticos “geradores de sucesso” de ambos (no caso de Yorke, as cópias, *remakes*, paródias, no caso de Cahill, as visualizações). São elementos parte da chamada performance midiática, abordada por Silveira (2013, p.110). Um deles é que o autor classifica como “despretensão de superfície”, um aparente desprendimento ou descompromisso que mascara o vídeo. A hipótese trazida pelo artigo “Lotus Flower – diferença e repetição na performance midiática”, é de que o clipe em questão se define por sua singularidade, a apesar da (aparente) simplicidade.

É vasto o repertório musical da cultura popular massiva, assim como a quantidade de vídeos musicais que fazem referência a *pop stars* e astros do rock. Mesmo assim, nesse cenário com tamanha oferta de produção audiovisual, “Lotus Flower” e as performances de Keenan Cahill se destacam. Talvez isso se deva ao fato de ambos compartilharem economia de recursos visuais, com poucos elementos cênicos, num único plano, único quadro e sem cortes. O cenário de Yorke é um pavilhão abandonado. O de Cahill, o seu quarto na casa dos pais em Illinois. Nesses ambientes em que elementos secundários não chamam a atenção, o foco fica, evidentemente, sobre os que se movimentam diante da tela (SILVEIRA, 2013), os registros são orientados à exposição da performance, ao que fazem com o corpo. A dança, no caso de Yorke, e a dança e o movimento dos lábios no caso de Cahill têm papel de destaque. O motivo de a dança ser tão central fica ainda mais claro a seguir:

[...] o clipe questiona o sentido e a expectativa de uma performance genuinamente convergente, bem acabada e resolvida, de (ou entre) todas essas formas expressivas. Tendo logrado sucesso ou não – isso o espectador irá julgar num outro momento –, o ensaio dessas (des)articulações irá garantir, ao menos, um modo muito particular e muito bem-sucedido, aí sim, de inserir-se, transitar, diferenciar-se e repercutir no interior da sociabilidade midiática (SILVEIRA, 2013, p.112).

Vale ressaltar, a essa altura, que, mesmo com diferentes tipos de repercussão – a “dancinha do Thom Yorke”, como ficou conhecida a performance do clipe, foi amplamente copiada, remixada, parodiada; a “dancinha” de Keenan Cahill, cuja ação está baseada no trabalho musical de outros, foi clicada quase 500 milhões de vezes em seu canal no Youtube – ambos alcançaram, ainda que esse não fosse o objetivo primeiro de nenhum dos dois casos, a diferenciação.

É interessante observar que, mesmo que a intenção de KC, nem de longe, tenha sido imitar a “dança cambaleante” de Thom Yorke, que, à primeira vista, parece desordenada e espontânea, ele chega muito perto, mesmo que com uma espontaneidade mais genuína ou mais caseira, do que Silveira (2013, p.113) chamou de idiossincrática expressão corporal do vocalista do Radiohead.

Há ainda, alguns aspectos, pelos menos quatro, a serem considerados. A questão do humor, do caráter de realidade, da precariedade e da espontaneidade. Vejamos, brevemente, do que tratam. O elemento humor aparece quando Silveira (2013, p.118) compara “Lotus Flower” a uma videocassetada (rodapé) ou *blooper*, como ele chamou, algo está deslocado, houve uma quebra de contrato ou padrão causada pelos movimentos irreverentes de Yorke. Atrelado ao humor, há o caráter *reality*, ou traço de realidade, como chamaremos aqui, provocado pelo efeito de presença que é produzido pela forma como o protagonista do vídeo se expõe, sem pudor, com gestos singulares e, às vezes, até excessivos. A esse traço de realidade está relacionada uma, ao menos aparente, precariedade audiovisual que dialoga com uma, também aparente, espontaneidade (SILVEIRA, 2013, p.119).

Nesse ponto, chegamos ao que parece ser a resposta ao problema de pesquisa proposto: que elementos há aí, escondidos ou evidentes nos vídeos de KC que os tornaram virais. Os vídeos são simples, com elementos de humor, precariedade e espontaneidade que tornam a performance “verdadeira” ou real e mais próxima de quem a assiste. Para ilustrar melhor o que foi descrito até aqui, passemos a uma breve análise de três vídeos postados no canal BeenerKeeKee19952, de Keenan Cahill.

## OS VÍDEOS

Conforme mencionado no início deste trabalho, serão analisados três vídeos do canal oficial de KC (BeenerKeeKee19952) no Youtube. Cabe salientar que, apesar de o canal do *Youtube* contar hoje com mais de 270 vídeos publicados, é suficiente uma quantidade pequena de vídeos, primeiro porque KC tem um modelo ou estilo de performance recorrente. Em segundo lugar, e como explicam FRAGOSO, RECUERO e AMARAL (2013, p.67), o caráter deste trabalho é qualitativo, sendo que “o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa”.

A análise irá voltar-se para a ocorrência (ou não) das características elencadas anteriormente: caráter de realidade, proximidade, simplicidade, precariedade,

espontaneidade e humor. O critério de escolha dos três audiovisuais foi, basicamente, o de buscar vídeos de períodos distintos no canal: um antigo, nesse caso, um dos primeiros – (*Teenage dream*), um intermediário (performance de Kennan Cahill com o músico francês David Guetta), e um vídeo recente (de 1º/10/2013), em que ele “canta” *Mike will make it* da cantora pop Miley Cyrus, atestando que KC continua com sua prática de postar vídeos caseiros.

### **Teenage dream**

Postado<sup>19</sup> em 28/08/2010

56.018.266 de acessos em 26/9/2013

Nesse vídeo, aquele que, conforme foi relatado, transformou KC em sensação da Web, já são observáveis as características de sua performance. Há proximidade, visto que o foco do vídeo está todo tempo em KC. Há simplicidade, uma vez que o cenário é o quarto do adolescente, sem qualquer produção. A precariedade, por sua vez, aparece, quando ele, no meio de sua performance, aumenta o volume do áudio. Ao fazer isso KC também confere um ar de espontaneidade ao momento. A espontaneidade também aparece nas pausas entre um momento cantado e outro, em que KC faz expressões e caretas que, aparentemente, não estão planejadas. Essas mesmas caretas dão o tom de humor à cena.

### **David Guetta Megamix**

Postado<sup>20</sup> em 24/01/2011

33.603.028 de acessos em 26/9/2013

Em Megamix, ainda que haja uma pequena variação em relação à maior parte dos vídeos de KC, uma vez que o ambiente é outro (um estúdio) e que há um breve diálogo de introdução entre KC e David Guetta, a receita segue a mesma. Um ambiente único e com a câmera focada em Keenan denotam, mais uma vez, realidade, proximidade e simplicidade. O uso de placas com frases escritas à mão, com a aparente função de legendas, reforçam a simplicidade e a precariedade. Nesse caso em particular, KC não é o único ator da cena, no entanto, ele segue sendo o foco da performance. O humor segue presente, com as caretas e trejeitos cômicos de KC ainda mais evidentes. Por fim, pode-se pensar que, por ser um vídeo produzido, por envolver um músico famoso ou por ser gravado em um estúdio, o

---

<sup>19</sup> [http://www.youtube.com/watch?v=lm\\_n3hg-Gbg](http://www.youtube.com/watch?v=lm_n3hg-Gbg)

<sup>20</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=MyNSx7TXVqE>

elemento da espontaneidade não estivesse presente. Não é o caso, se o centro da observação for a performance de KC. Assim como em outros vídeos, ele mantém o seu estilo de dança que parece não ser ensaída, com movimentos que surgem conforme a música lhe embala.

### **Mike will make it**

Postado<sup>21</sup> em 30/9/2013

19.986 acessos em 7/10/2013

Neste vídeo, KC repete a fórmula de sua performance de *Teenage dream* de 2010. Basicamente pelas mesmas razões, é possível identificar o caráter de realidade, a precariedade, a simplicidade, a espontaneidade e o humor. Algumas diferenças que podem apontadas são o fato de KC usar óculos escuros para reforçar suas expressões caricatas e de usar mais o corpo (não apenas a cabeça), movimentando-se mais pelo quarto.

A grade a seguir permite uma melhor visualização da ocorrência das já mencionadas características.

### **Grade de análise de performance**

	<b>Teenage dream</b>	<b>David Guetta Megamix</b>	<b>Mike will make it</b>
Caráter de realidade	X	X	X
Proximidade	X	X	X
Simplicidade	X	X	X
Precariedade	X	X	X
Espontaneidade	X	X	X
Humor	X	X	X

Vale ressaltar que a grade acima, ainda que o trabalho se proponha a uma discussão de caráter mais qualitativo, e não apenas a constatações objetivas expostas em termos de sim ou não, ilustra bem, deixa mais evidente a presença das seis características analisadas nos três vídeos em questão. É possível observar que todos os atributos - caráter de realidade, proximidade, simplicidade, precariedade, espontaneidade e humor - aparecem em todas as performances.

<sup>21</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=zq4VbS6s5SE>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa breve análise, que é, nesse primeiro momento, uma descrição que permite mais problematizar do que aprofundar ou esgotar o objeto de estudo, pode-se, de maneira preliminar, constatar que há indícios, que mostram existir elementos ou características, do ponto de vista da performance, que acionam gatilhos para a viralização de vídeos no Youtube. Pelo diálogo que se travou com a pesquisa de Silveira (2013), pode-se enxergar, de maneira ainda muito inicial, pontos em comum, ou paralelos entre as performances de Thom Yorke e Keenan Cahill. Não fica extinta a possibilidade de esse mesmo paralelo poder ser traçado em relação a outras produções na web. Como já foi dito, as abordagens podem ser muitas. Talvez o mais importante é que, diferente de um exercício de aproximação, foi feito um movimento de distanciamento, que permitiu um olhar mais amplo sobre o texto de Silveira e a performance de Thom Yorke. Tentar travar esse diálogo – que permitiu enxergar uma série de características performáticas importantes para a compreensão do alcance e das apropriações de determinados vídeos – não foi um passo adiante. Foi antes um passo atrás, que permitirá, quiçá, a evolução de novos conceitos mais adiante.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Práticas de *fansourcing*: estratégias de mobilização e curadoria musical nas plataformas musicais. In: SÁ, Simone Pereira de (Org.). **Rumos da cultura da música: negócios, estética, linguagens e audibilidades**. Porto Alegre: Sulina. 2010. p. 139-163

CONTER, Marcelo Bergamin. Introdução. In: **Imagem-música em vídeos para a web: paródias, reciclagens e remixagens audiovisuais**. São Paulo: Kuzuá. 2013. p. 13-32

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Construção de amostras. In: **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina. 2013. p. 53-82

LIESENBERG, Susan. **O processo de celebrificação na internet: um estudo de caso de Stefhany do CrossFox**. 2011. 124 f. Projeto de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre. Porto Alegre. 2011

SILVEIRA, Fabrício. Radiohead - Lotus Flowe: diferença e repetição na performance midiática. In: **Rupturas Instáveis**: entrar e sair da música pop. Porto Alegre: Libretos. 2013. p. 107-122

THE BEATLES. **Hello goodbye**. [S.l.], 2006. (3 min 33 s). Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=Qf2S7kKLtEQ>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

DAVID GUETTA Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MyNSx7TXVqE>>.  
Acesso em: 26 set. 2013

MIKE WILL MAKE IT. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=zq4VbS6s5SE>>. Acesso em: 7 out. 2013

TEENAGE VREAM. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=lm\\_n3hg-Gbg](http://www.youtube.com/watch?v=lm_n3hg-Gbg)>.  
Acesso em: 26 set. 2013